

DESAFIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Dyeime Raquel Freitas Silva¹
Joyce Mayara da Silva Leitão²
Carlos José Trindade da Rocha³

RESUMO

O processo de alfabetização requer esforços por parte do docente, além do apoio da família que é essencial nesse desenvolvimento. Por meio de habilidades de ler e escrever, a criança se insere nas “práticas sociais”, compreendendo o mundo que a cerca, o que poderá trazer mais encanto à criança ao aprender, evitando assim que esta apresente dificuldades na sua ação ao aprender. Este artigo busca refletir sobre desafios e práticas de professores alfabetizadores com alunos de 3º a 5º ano do ensino fundamental I de uma escola pública municipal da região nordeste da Amazônia Oriental. Para isso, foi realizado uma abordagem qualitativa com características descritivas e exploratória, com uso de levantamento bibliográfico, observação participante e entrevista a 4 (quatro) professores. Os resultados apontam que os principais desafios de se alfabetizar no país, não teve um avanço satisfatório principalmente depois da pandemia, pois as crianças que estão no quarto ano não tiveram a base do segundo e terceiro ano, ou seja avançaram sem uma alfabetização adequada. Ficou claro a aflição das professoras em suas práticas de alfabetização, que buscam por novas estratégias de ensino e aprendizagem e a necessidade de que sejam valorizados por parte do poder público, os quais, muitas vezes, atuam em condições desfavoráveis e com infraestrutura precária.

Palavras-chave: Alfabetização, Desafios pedagógicos, Ensino fundamental, Práticas de ensino.

¹ Dyeime Raquel Freitas Silva; Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - PA, dyeimeraquel3@gmail.com

² Joyce Mayara da Silva Leitão; Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - PA, Mayahleitao@gmail.com

³ Pós-doutor em Ensino de Ciências e Matemáticas. Professor da FAPED/PPGEAA/UFPA/CCAST. carlosjtr@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os desafios da alfabetização no Brasil tem sido alvo de grandes debates por parte da comunidade acadêmica, promover práticas pedagógicas eficazes que levem em conta a realidade da escola, sua população e características são fatores primordiais para se obter sucesso nesse processo (Kramer, 2010).

Atualmente um dos maiores problemas detectados dentro desta faixa etária é o baixo índice de leitura, sabe-se que o ensino fundamental I é a base para o desenvolvimento cognitivo, e do aprendizado como um todo por isso precisa ser desenvolvido com excelência (Monteiro, 2020).

O ambiente escolar é caracterizado por diversos sujeitos com pensamentos, crenças e etnias que as torna heterogêneos, além disso, os discentes possuem tempos de aprendizagens diferentes por mais que estejam no mesmo ano escolar e com a mesma idade (Hungria, 2018). Assim, é por meio de uma prática pedagógica de alfabetização que tenha como finalidade a função social na formação de cidadãos esclarecidos, que o docente desenvolverá em suas aulas um ensino crítico (Santos; Brito, 2012).

Nesse contexto, pode-se afirmar que uma escola que está engessada com práticas pedagógicas antiquadas, voltadas somente para o final do processo de aprendizado que culmina em saber se o educando passou ou não de um ano para o outro, representa como diz (Alves, 2013) uma escola que engaiola, aprisiona e reprime suas crianças.

Deste modo, concordamos com (Santos; Brito, 2012, p. 6), que a relevância da “organização da prática pedagógica por caminhos que priorizem o pensar, favoreçam o desenvolvimento da capacidade de estabelecer relações, possibilitem a inferência em todas as atividades e tenham na leitura e na escrita com função social”.

Assim, a pesquisa a ser realizada tem como finalidade saber de que forma as práticas pedagógicas estão sendo desenvolvidas para auxiliar na alfabetização dos educandos dentro da sala de aula, em uma escola pública municipal.

METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada tem cunho qualitativo (Demo; 2015), com características descritivas (Gerhardt; Silveira, 2009), tendo como local de pesquisa uma escola pública municipal no município de Castanhal/Pará, mais especificamente uma turma do 3º ao 5º ano do ensino fundamental I do turno da manhã.

Os participantes da pesquisa foram 4 (quatro) professoras que trabalham na escola, nos respectivos anos de ensino já mencionados. Os critérios de escolha dos participantes da pesquisa foram: 1) disponibilidade e aceite em participar da pesquisa; 2) serem do turno matutino do 3º ao 5º ano. Os participantes foram denominados como M1, ..., M4, conforme ética de pesquisa.

Os procedimentos iniciais, realizou-se um levantamento bibliográfico dentro das plataformas digitais como: google acadêmico, *Scielo*, livros físicos e digitais relacionados a pesquisa, bem como documentos regulatórios da educação brasileira. Tais recursos foram utilizados com intuito de explorar de forma abrangente o tema proposto. Também se fez uso de questionários com três perguntas abertas-impresas idênticas em cada.

Os dados coletados foram organizados e analisados conforme análise do conteúdo (Franco, 2018), selecionando as transcrições de falas dos participantes que foram pertinentes à pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo dos anos a educação brasileira é alvo de críticas pela classe docente, discente e das famílias que fazem parte de corpo da escola, críticas essas não somente a qualidade da educação, mas também a estrutura física das instituições. A educação é feita de um conjunto de fatores necessários para que haja sucesso tanto no aprendizado quanto no ensino.

Ter uma estrutura física adequada é um direito garantido pela lei nº 9.394/90 no Art. 3, inciso IX – “garantia de padrão de qualidade” (Brasil, 2017) portanto fica claro a necessidade da qualidade estrutural para receber as crianças, que muitas vezes já vem de uma realidade precária, sem o mínimo de conforto e ao chegar no ambiente escolar, sua realidade não difere muito da que já tem em casa trazendo para dentro da escola as mesmas frustrações cotidianas.

Não se pode separar a educação de forma teórica, da física, pois é um conjunto de fatores que precisam caminhar juntos para se alcançar o objetivo de se fazer uma educação de qualidade. Ao se analisar os documentos que regem a educação do país muito se vê a despeito da parte teórica, leis que protegem o educando, como determina o Artigo. 3º, inciso XIV da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), “Sua diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva” (Brasil, 2017). No entanto, o espaço onde tudo isso vai ser desenvolvido fica em segundo plano já que também tem sua qualidade assegurada pela LDB como citado acima.

Constata-se então, que para (Freire, 2020) há a necessidade de se fazer a educação olhando para todos os lados não somente para dentro da escola, mais de fora para dentro

resgatando a esperança de crianças que estudam em periferias e trazendo junto com elas a esperança de professores que lecionam no limite das necessidades básicas. Como pensar em práticas inovadoras com salas de aula superlotadas, quentes sem nem mesmo um ventilador?

Destaca-se então, “O sujeito da educação é o corpo porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver”, (Alves, 2013, p.31). Ainda segundo o autor, a inteligência é ferramenta do corpo, deixando claro a importância do sujeito na construção da educação, é de fundamental importância que se pense primeiramente nos receptores dos conhecimentos que serão passados e se eles serão absorvidos, não se pode pensar somente o conteúdo pelo conteúdo, mas se condiz com a realidade social de cada educando que irá recebê-lo.

É importante salientar, “A formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensar criticamente a prática de hoje ou de ontem e que se pode melhorar a próxima prática” e ainda segundo autor, “O próprio discurso teórico necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática” (Freire, 2020, p.40). Por tanto, para o docente fica a responsabilidade da reflexão sobre as burocracias impostas pelo sistema, se as ações, projetos e programas implementados na educação local estão condizendo com a sua realidade escolar, e não somente aceitar tais imposições sabendo que as práticas implementadas não funcionarão.

Pode-se afirmar, o desespero dos docentes quanto se trata da alfabetização dos alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental I, devido ao grande número de crianças que estão inseridas no ambiente escolar, mas que continuam como analfabetos funcionais. Segundo dados do INAF 2018 (Indicador de Alfabetismo Funcional), sete em cada dez que cursaram os anos iniciais do ensino fundamental permaneceram como analfabetos funcionais e ainda segundo o INAF 70% dos estudantes de 1º a 5º ano são analfabetos funcionais.

Os dados apresentados acima, refletem a realidade da alfabetização e a emergência de práticas realmente eficazes. Para Kramer (2010, p. 78-79), “As propostas e pacotes metodológicos são passados para as equipes e em seguida para os professores [...] o resultado não se aprofunda a teoria, não se pensa a prática, não se transforma o trabalho pedagógico”, diante do esforço e do dinheiro gastos nos treinamentos e materiais os resultados negativos persistem, entra então segundo a autora a culpabilização de professores e alunos.

Entende-se que, “A alfabetização é o mais complexo e evidente problema no que se refere à qualidade do processo educativo”, ainda segundo a autora o aprendizado da leitura e da escrita é uma evidência do sucesso ou do fracasso escolar (Montuani, 2004, p.16). Diante disto,

é evidente a importância desse processo principalmente nos anos iniciais da educação básica, pois é aqui que a vida educacional do estudante começa, e quando há falhas, toda a trajetória fica comprometida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados desta pesquisa deram-se por meio de questionário com a finalidade de coletar relatos de experiências de quatro professoras de uma escola x pública da cidade de Castanhal/PA, que lecionam do 3º ao 5º ano do ensino fundamental I.

Para isto foram realizadas três perguntas às entrevistadas, as quais suas respostas foram coletadas, organizadas e transcritas nos quadros a seguir.

Quadro 1 – Dificuldades cotidianas de aprendizagem dos alunos

Questão 1	Respostas
“Quais as principais dificuldades cotidianas relacionadas ao aprendizado dos alunos?”	a) “É a falta de interesse dos próprios alunos e de alguns responsáveis. Por não ajudarem em casa”. (M1, 2023).
	b) “Depois de mais de 20 anos de profissão, continuamos a brigar pelos mesmos motivos de 20,30 anos atrás, falta de recursos, valorização profissional, falta de apoio da família, salas superlotadas, entre outros”. (M2, 2023)
	c) “Na minha opinião, a falta de estrutura e recursos materiais têm um impacto muito importante no aprendizado dos alunos, para além disso, temos ainda a falta de apoio e estímulo por parte da família e o quantitativo de alunos por turma dificultam avanços significativos”. (M3,2023)
	d) “Muitos alunos nas turmas e o agitação dos alunos por questões sociais”. (M4,2023)

Fonte: questionário aplicado pelos autores (2023).

Ao analisar as respostas das educadoras umas das maiores dificuldades no aprendizado são os próprios alunos e a ausência da família no cotidiano escolar da criança. De acordo com (Freire, 2020, p. 108) “Só numa compreensão dialética da relação escola-sociedade é possível não só entender, mas trabalhar o papel fundamental da escola na transformação da sociedade”. Ou seja, a realidade citada pelas educadoras só será revertida quando a escola for atraente e estimulante o suficiente para o educando e suas famílias fazerem parte dela.

Uma vez que, como relatado pela educadora M2, as lutas por uma educação digna são antigas. Consoante a isto (Cassio *et al.*, 2019, p.16) afirma que “no Brasil de hoje, as ameaças à educação não cansam de confirmar a hipótese adorniana de que é possível estar atrasado de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização”. Nesse contexto, pode-se afirmar que o sentimento de impotência e descaso sentido pelas professoras perdura desde o início de sua carreira docente até os dias de hoje.

Segundo Priostes (2020, p. 10) “os professores criam expectativas de que as famílias possam oferecer apoio e estímulo às crianças, que acompanhem suas atividades escolares e se comprometam com a escola”. Isto acontece quando a família negligência o acesso deste aluno a escola, onde as faltas são constantes, e não buscam meios de contato direto com o professor para saber como o educando tem se portado e quais são as suas dificuldades para que assim possa auxiliar a escola neste processo, sendo assim, a garantia de que este estudante seja minimamente alfabetizado diminui.

Dessa forma, as docentes acabam ficando sem perspectiva de dias melhores, pois os alunos não conseguem avançar devido diversos impasses sejam eles familiares ou governamentais. Além disto, para (Mendes; Pereira, 2021, p.3) “A quantidade elevada de indivíduos num ambiente educacional, com pouca infraestrutura e aparato tecnológico, dificulta o trabalho do professor”. Cotidianamente, professores da rede pública de ensino enfrentam diversas dificuldades dentre elas a superlotação bem como a bagagem social que os estudantes trazem consigo, pois cada indivíduo tem seu próprio modo de agir e pensar.

Quadro 2 - Influência da estrutura física escolar na aprendizagem dos alunos

Questão 2	Respostas
“Quanto a estrutura física da escola você acha que influência no processo de aprendizado das crianças?”	Não mesmo, porque quando nós queremos aprender não depende de uma boa estrutura da escola. Porque antes os alunos estudavam sem escola era apenas um barraco e elas aprendiam, isso depende muito do esforço de cada um (M1, 2023).
	A infraestrutura da escola tem grande influência no processo de ensino aprendizagem, uma vez que salas amplas arejadas, com boa ventilação, com certeza é bem melhor [...] os alunos têm melhor rendimento em salas bem estruturadas” (M2, 2023).
	Sim. Espaços com pouca luminosidade, baixa ventilação e espaços pequenos para muitos alunos, causam um estresse desnecessário à alunos e professores, se fossem devidamente sanados. (M3, 2023).
	Sim. Espaços não apropriados dificultam a realização das atividades. Salas lotadas, quente, barulho externo aumenta o interno”. (M4, 2023).

Fonte: questionário aplicado pelos autores (2023).

Ao analisarmos as respostas das educadoras pode-se notar, a concordância de opiniões entre M2, M3 E M4, que afirmam que de fato a estrutura da escola tem influência no aprendizado dos estudantes, somente M1 discorda desse ponto de vista, pois acredita que o bom desempenho do educando dependerá unicamente de seu esforço em aprender. No entanto Freire (2020, p.86) mostra que “não podemos falar aos alunos da boniteza do processo de conhecer se sua sala de aula está invadida de água, se o vento frio entra decidido e malvado sala adentro e cortar seus corpos pouco abrigados.”

Desta forma, é nítido que é necessário sanar a má infraestrutura nas escolas para que assim os alunos e professores consigam exercer o processo de ensino e aprendizagem de forma significativa. Sabemos que a educação por si só traz diversas problemáticas, é difícil prender a atenção dos alunos por vários fatores e segundo as M2, M3 e M4 uma boa estrutura que atenda às necessidades dos alunos, pode ser uma solução. Para (Andrade *et al.*, 2021, p. 163) O ambiente escolar precisa ser adaptável para que assim, os alunos consigam realizar trocas de conhecimento.

A falta de infraestrutura nas escolas, afeta diretamente a aprendizagem dos educandos, pois sendo isentos dos direitos básicos acabam ficando bastante agitados em sala de aula, tornando difícil o desenvolvimento de atividades diferenciadas por parte dos educadores. Neste sentido (Andrade *et al.*, 2021, p.165) afirma que “a estrutura em condições ideais atrai e estimula o aluno ao seu crescimento, enquanto condições insalubres geram desejo de abandono da unidade escolar e queda do rendimento”.

Quadro 3 - Influência da BNCC

Questão 3	Respostas
“A BNCC influência na educação de maneira positiva ou negativa?”	a) “Positiva, pois a BNCC nos ensina muito como nós devemos trabalhar de maneira correta e de ensinar hoje, as coisas que antes nós não tínhamos esse conhecimento que temos hoje” (M1, 2023).
	A BNCC ela é o Norte para o desenvolvimento dos conteúdos. Então, ela veio para somar com o processo de aprendizagem” (M2, 2023).
	Creio que nessa situação há dois lados da moeda. A BNCC em seus objetivos é muito positiva, pois nesse sentido busca equalizar o ensino em todo país, quanto a aplicabilidade percebo que a BNCC esbarra na percepção clara das diferentes realidades educacionais do nosso país. (M3,2023).
	Influência nas duas maneiras. Positiva porque abre leques que permite a globalização do ensino. Negativa porque encontramos entraves materiais e conhecimentos para fazer o desenvolvimento dos trabalhos segundo a BNCC” (M4, 2023).

Fonte: questionário aplicado pelos autores (2023).

Segundo as respostas das educadoras observa-se que M1 e M2, afirmam que a BNCC é um norte para o direcionamento no que se refere ao ensino. Ainda que por meio deste documento, sejam ofertadas formações pedagógicas com o intuito de auxiliar o educador no processo de ensino e aprendizagem, há uma deficiência no fornecimento de materiais e meios para que os professores desempenhem seu papel. “Um professor motivado, motiva seus alunos, torna o processo de aprendizagem mais prazeroso e o ambiente escolar torna-se mais agradável” (Mendes; Pereira, 2021, p.17).

Já para M3 e M4, o documento tem seus pontos positivos pois globaliza a educação, e negativos pois esbarra na falta de recursos e a diversidade do país. Para Sousa (2021, p.10) “É importante assegurar que a educação corresponda a realidade política, econômica, cultural e comunitária na qual resiste à educação bancária, conforme a teoria freiriana”. A BNCC, é um documento utilizado para direcionar a educação do país, no entanto não leva em consideração as peculiaridades da própria educação brasileira.

Sendo assim, é preciso salientar que cada aluno tem suas próprias vivências, o que os faz aprender de forma e em tempos diferentes. Uma única metodologia e guia de ensino dificilmente funcionará em todas as salas de aula, é primordial levar em consideração a realidade a qual este ambiente escolar se encontra e conhecer o público ao qual a mesma atende, para que dessa forma os educadores juntamente com a direção, consigam ofertar práticas de ensino mais eficazes.

Para Cassio (2019, p. 16) “a luta por escolas públicas democráticas, inclusivas, laicas e com liberdade de ensinar depende de nossa disposição para defender projetos educacionais radicalmente democrático”. Quando se trata de uma educação livre e democrática, não se pode dizer que um documento que traz amarras na forma de ensinar do professor seja um avanço para a educação, ao invés disso, poderiam ser planejados projetos que dessem aos educadores liberdade para expor todo seu conhecimento e criatividade acompanhado de recursos materiais para a confecção de recursos pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de alfabetização bem como em grande parte da sua jornada estudantil, as dificuldades sempre irão existir, cabe ao ambiente escolar buscar por práticas pedagógicas que levem em consideração a realidade em que seus estudantes se encontram, seja em nível de aprendizagem, estrutura da escola, qualidade de ensino, entre outros.

Ao longo das respostas obtidas, fica nítido que a ausência do acompanhamento escolar dos pais, também interfere no processo de alfabetização e desenvolvimento dos estudantes. Ademais, em meio a tantas dificuldades os educadores muitas vezes sentem-se abandonados e vulneráveis quanto o acesso ao que em tese deveria ser ofertado aos seus estudantes.

A escola, os professores e a família, juntos são os pilares para a garantia de uma boa educação, alfabetização e desenvolvimento dos estudantes. O processo de ensinar e educar não se trata unicamente da estrutura física do ambiente e sim de um conjunto de fatores que podem

estimular ou interferir diretamente na aprendizagem do educando. Deste modo, ambos necessitam “falar a mesma língua”, pois um não tem êxito sem o apoio do outro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **Por uma educação romântica**. São Paulo: Papirus, 2013. 208 p.

ANDRADE, R. R.; CAMPOS, L. H. R.; COSTA, H. V. V. **Infraestrutura escolar**: uma análise de sua importância para o desempenho de estudantes de escolas públicas. *Ciência & Trópico*, [S. l.], v. 45, nº1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1973>. Acesso em: 9 jul. 2023.

CASSIO, F. *et al.* **Educação contra barbárie**: Por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1ª. São Paulo: Boitempo, 2019. 224 p.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. 11ª. Campinas- SP: Autores Associados LTDA, 2015. 96 p.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5ª. Campinas- SP: Autores Associados LTDA, 2018. 96 p.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora**. 2ª. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020. 352 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 74ª. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020. 144 p.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfó. **Métodos de pesquisa**. 2009. 120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Tecnológica) – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Secretaria de educação a distância/Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HUNGRIA, Jessica Damasceno. **Práticas pedagógicas de alfabetização no ensino fundamental do 1º ao 3º ano em uma escola pública em Santa Isabel do Pará/PA**. 2018. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Pará, Castanhal. 2018.

INAF: Indicador de Alfabetismo Funcional. **INAF Brasil 2018 resultados preliminares**. Brasil, 2018. 22 p. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br>. Acesso em: 05/05/2023.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita**: Formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. - Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Conteúdo: Leis de diretrizes e bases da educação nacional – Lei nº9.394/1996- Lei nº4.024/1961.

MENDES, D. S., & ALVES PEREIRA, V. **Metodologias Ativas em salas de aula superlotadas e as fragilidades da Educação Básica**. *Conexão Com Ciência*, [S. l.], v.1, n.3, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conexãocomciencia/article/view/5376>. Acesso em: 13 de jun. 2023.

MONTEIRO, S. M.; MORAES, A. G.; MONTUANI, D. F. B. **Alfabetização e letramento – perspectivas e análises do campo educacional**. *Educação em revista*, Faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 6, 2020.



PETERLE, T. G. S.; SILVA, A. C. F.; PINTO, R. O. ALMEIDA, S. C. H.; SALCES, C. D. **LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO**. Paraná: Educacional S/A, 2018. 198 p.

PRIOSTE, C. Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 46, p. 1-20, 2020. DOI: 10.1590/S1678-4634202046220336. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/187098>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SANTOS, Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento; BRITO, Antonia Edna. Prática pedagógica de professores alfabetizadores sobre a produção do saber e do saber ensinar. **Anais XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. Campinas, 2012. Disponível em: http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/4065p.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2023.

SOUSA, A. S. DE. **Os pactos sociais e os movimentos sociais em oposição à perspectiva liberal por meio da educação libertadora**. Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), n.1, v.5, 2021, MS. **Anais**. MS: EIGEDIN, 9 out 2021.